

## **Rodó e o pensamento político latino-americano na virada do século XX**

REGIANE GOUVEIA\*

O uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917), e é um dos grandes nomes do pensamento político latino americano do início do século XX. Este escritor preocupou-se em pensar a realidade da América Latina, em um momento em que sua identidade parecia ameaçada, quer pelo entusiasmo excessivo que muitos intelectuais e políticos latino-americanos demonstravam pelos Estados Unidos, quer pela política imperialista norte-americana, iniciada nessa mesma época, pondo em perigo a independência e soberania de determinadas repúblicas hispano-americanas.

Rodó influenciou profundamente a intelectualidade hispano-americana. Foi um escritor notório, ainda em vida, e seu nome atravessou fronteiras tornando-o conhecido em todo o continente. Também participou ativamente da vida política de seu país. Mas, escreveu seus discursos em nome da América, não se restringindo apenas aos problemas de sua própria nação. A forma que usou para se expressar abrangendo o continente americano e excluindo os Estados Unidos, guardou íntima relação com o contexto político, social e econômico em rápida transformação da virada do século.

Nessa perspectiva, é nosso interesse fazer<sup>1</sup> uma breve contextualização histórica da América Latina de fins do século XIX e início do XX, nos detendo principalmente no caso uruguaio, que servirá de marco para a apresentação dos discursos de Rodó. Trataremos do debate intelectual acerca da superioridade ou inferioridade da “raça latina” frente à “raça anglo-saxônica”, que perpassou o continente americano em meados do Oitocentos e início do XX. Rever o contexto de produção de Rodó, bem como sua trajetória é importante, pois nos auxiliará na compreensão dos discursos desse autor e nos permitirá entender as razões que o levaram a produzir discursos que abarcavam toda a América Latina, e não se limitavam ao Uruguai. A necessidade de se expressar de maneira mais abrangente, abarcando variadas nações do continente, mas que possuíam aspectos comuns, naquele momento fazia-se importante.

---

\* Doutoranda do programa de Pós-Graduação em História da Ciência e da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Orientadora Dr<sup>a</sup>. Maria Rachel de Gomensoro Fróes da Fonseca. Bolsista da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

<sup>1</sup> Este texto apresenta alguns dos resultados de minha dissertação de mestrado (PUC-RJ, 2012), os quais também integram a pesquisa para a tese de doutorado em desenvolvimento, que analisa a influência do racismo científico no pensamento político latino-americano na virada do século XX.

Rodó viveu em um país que, embora independente desde a primeira metade do século XIX, ao longo do século enfrentou muitos conflitos internos, em virtude de disputas caudilhistas e uma longa guerra civil. Ele colaborou para variados jornais tanto no Uruguai, quanto na Argentina. Participou da reorganização do Partido Colorado, foi deputado por três mandatos, assumiu a direção da Biblioteca Nacional, e foi catedrático interino de Literatura. Publicou algumas obras, mas ficou famoso com a difusão de seu ensaio *Ariel*, publicado em 1900, e que repercutiu prontamente por toda a América Hispânica, contribuindo para a formação de correntes de oposição à influência norte-americana no continente.

Desde a sua independência em 1828 o Uruguai passou por um longo período de instabilidade política – vários golpes de Estado promovidos por caudilhos e militares; e longas guerras, como a Guerra Grande (1839-1851); intervenções europeias; além de guerras civis, que se prolongaram na segunda metade do século XIX. Somente entre os anos de 1890 a 1897 é que o país vivenciaria um período mais estável de governo civil e liberdade política. Todavia, viu-se novamente abalado por um golpe, e uma nova guerra civil que somente terminaria em 1904, com a morte do caudilho Aparício Saravia.<sup>2</sup>

O Uruguai nos últimos trinta anos do século XIX também iniciou um acelerado processo de modernização (RAMA, 1985: 76). Vários fatores contribuíram para isso. Nessa época, a América Latina, mais especificamente a região do Prata, passava por um intenso processo de imigração. Desde 1870 esse país iniciava uma nova fase de sua história, em decorrência da expansão do mercado europeu,<sup>3</sup> fortaleceu-se a produção agropecuária, abrangendo carnes, cereais e lã. Mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais, logo se fizeram sentir. O Uruguai contou ainda com forte investimento da Inglaterra, empréstimos ao Estado, construção de estradas de ferro e instalação de serviços de água e gás (ODDONE, 1999: 616).

---

<sup>2</sup> Em 1837 surgiram no Uruguai dois grandes partidos que permaneceram no cenário político por muito tempo: os *blancos* e os *colorados*. Os primeiros estavam ligados ao caudilho Manuel Oribe (1792-1857), e os colorados ao Frutuoso Rivera (1784-1854). Suas disputas culminaram em diversos conflitos internos, além da intervenção do governo argentino, que manteve Montevidéu sob estado de sítio entre os anos de 1843 a 1851. A falta de estabilidade no país, oriunda das disputas entre *blancos* e *colorados*, levou ao estabelecimento de regimes autoritários (sob a liderança dos colorados) que foram capazes de assegurar o poder central e dominar os caudilhos rurais. O exclusivismo *colorado* e as manipulações eleitorais geraram insatisfação e conflitos com os *blancos*. Com a morte do líder *blanco* Aparício Saravia, tiveram fim os conflitos (ODDONE, 1999: 612)

<sup>3</sup> Uma economia de exportação de matérias primas.

Naquele momento, o pequeno país também enfrentava, no plano das ideias, o conhecido conflito entre tradição e modernidade. Em um período que o mundo urbano ganhava contornos mais nítidos e complexos, tornou-se lugar comum o confronto entre a mentalidade *criolla*, de raízes essencialmente agrárias, e o que poderíamos chamar de “consciência cosmopolita emergente” (MITRE, 2003: 110).

A elite *criolla*<sup>4</sup> com o intuito de salvaguardar sua posição de privilégio – considerada ameaçada pela vinda de imigrantes europeus para o Prata em fins do século XIX – construiu uma espécie de nacionalismo oligárquico, que funcionou como organismo de integração e controle social, por meio do fortalecimento e da transmissão de seus próprios valores. Para isso, recorreu ao passado como estratégia para legitimar seu discurso, também visando a construção de um “ser nacional”. De acordo com Mitre, o recurso à história cumpria a importante função de validar o que estava sendo criado pela elite *criolla*. De certa forma, deu-se a construção de laços identitários entre aquela população que vivia no Uruguai antes da chegada dos imigrantes europeus (MITRE, 2003: 111).

Em sentido oposto ao da elite *criolla*, os imigrantes se empenharam na criação de suas mitologias que, a partir de imagens da própria cidade cosmopolita que os acolhia, construíram um discurso que almejava a edificação de símbolos notavelmente supranacionais. Estes vinham carregados de significados para as mais distintas tradições, de modo a integrar, ou pelo menos não excluir os novos grupos urbanos. A fim de que a cidade pudesse ser adequada a todos, não deveria existir, portanto, apenas a sua identificação com o passado (MITRE, 2003: 111).

Nessa perspectiva, Mitre interpreta Rodó como o grande mediador político e intelectual que, por um lado, aceitou as mudanças no sistema social e político de maneira a adaptá-las às novas condições, e por outro, buscou conservar a herança do passado como sede da identidade nacional, equilibrando assim as duas forças em conflito, a tradição e a modernidade. O escritor uruguaio reconhecia os benefícios do afluxo migratório nas sociedades modernas que contribuiu para a “formação de fortes elementos dirigentes” (RODÓ, 1991: 54). E, ao mesmo tempo, perfilhava a importância de se equilibrar o cosmopolitismo de maneira que o passado não fosse totalmente abandonado, uma vez que

---

<sup>4</sup> Descendentes de espanhóis nascidos na América.

estes dois elementos constituiriam o que considerava que se tornaria “o americano definitivo do futuro” (MITRE, 2003: 112).

Nesse contexto, Rodó publicou em Montevidéu o ensaio *Ariel*, que influenciou significativamente a intelectualidade latino-americana. O seu título é oriundo da personagem de *A Tempestade* (1613), de William Shakespeare (1564-1616). Na obra do dramaturgo inglês, *Ariel*<sup>5</sup> era o servo fiel de Próspero, o mago que havia se apossado da ilha na qual viviam. Esse servo, ao ser libertado por Próspero não se revoltou. Ao contrário, sentiu-se agradecido ao mestre e procurou incorporar tudo o que havia aprendido com ele. O antagonista de *Ariel* aparecia na figura de Caliban, o ser disforme que havia se rebelado contra seu amo. Este outro alimentou um sentimento de vingança em relação a Próspero, a quem considerava usurpador da ilha de seus antepassados (MITRE, 2003: 106).

Uma discussão em torno dessa peça aponta para a intenção de Shakespeare em fazer, com *A Tempestade*, por meio de seus personagens principais (Próspero, Ariel e Caliban), uma analogia das relações conflituosas de dominação e violência, de fascinação e ódio, que o encontro entre o Velho Mundo e o Novo Mundo teria provocado (RETAMAR, 1974: 28). Essa discussão passou por algumas mudanças, de modo que podemos perceber outros sentidos que os personagens de *A Tempestade* assumiriam ao longo do tempo, refletindo assim os conflitos daqueles que em diferentes épocas buscavam interpretá-la.<sup>6</sup>

Assim, ao longo do século XIX, surgiram obras que, através das metáforas shakespearianas, procuraram expressar o momento que vivenciavam. Ernest Rénan,<sup>7</sup> em 1878, publicou *Caliban: Suite de la Tempête*. Nesta interpretação do filósofo francês, havia uma reflexão sobre a situação da França de então. Rénan preocupava-se com a emergência das massas na arena pública, e acusava a democracia de conduzir ao utilitarismo. Rodó foi um profundo admirador de Rénan, conforme fica evidenciado no próprio *Ariel*, mas isto não significava que partilhava de todas as considerações do filósofo francês.

<sup>5</sup> Ariel na comédia de Shakespeare é um “espírito do ar”.

<sup>6</sup> Um exemplo das mudanças ocorridas no que se refere à representação das personagens de *A Tempestade* aparece nas obras de Ernest Rénan (1823-1892), na qual Próspero representa a cultura aristocrática que será derrubada pelas massas ao ascenderem ao poder, sendo essas representadas por Caliban. Essa obra revela o medo do autor de que, com o sistema democrático, “Ariel”, o espírito, se desvaneça. Em Fernández Retamar (1930) Próspero seria a Europa, Caliban a América Latina que quer tornar-se independente, e Ariel seria o colono que se fez imagem e semelhança do seu colonizador. Essas analogias aparecem nas obras: (RÉNAN, 1878) e (RETAMAR, 1974).

<sup>7</sup> Joseph Ernest Rénan, escritor, filósofo e historiador francês.

Em determinados momentos, demonstrou posições muito distintas das dele. Por exemplo, ao discorrer sobre a democracia, Rodó se aproxima mais significativamente do escritor liberal Esteban Echeverría (1805-1851), que na obra *El Dogma Socialista* (1846) apresentava uma análise na qual refletia sobre esse conceito e o elucidava com argumentos filosóficos, defendendo a exclusão dos setores populares do exercício legal da política (PRADO, 2004: 83). Assim é possível observarmos, guardadas as devidas proporções, uma concepção de democracia do escritor uruguaio que o aproxima à posição que Echeverría defendia há mais de 50 anos atrás.

Outra possível influência que podemos encontrar no pensamento de Rodó, embora pouco mencionada, é a de Paul-François Groussac (1848-1929), o franco-argentino que viajara a Chicago como correspondente do *La Nación* e de lá escreveu uma série de textos. Recolhidos posteriormente na obra intitulada *Del Plata al Niágara*, esses trabalhos ressaltavam as diferenças entre os Estados Unidos e a América Latina. É provável que, de certa forma, Rodó tenha se inspirado neste autor para implantar a dicotomia que o seu ensaio estabeleceu entre Calibán e Ariel.

Essa ponderação justifica-se pelo fato de que no dia 2 de maio de 1898, por ocasião da intervenção dos Estados Unidos na guerra de independência cubana, Paul Groussac discursara aos argentinos e espanhóis contrários a tal intervenção, chamando os Estados Unidos de “calibalescos”. Esse discurso foi publicado em um jornal argentino e, segundo Monegal, é muito plausível que Rodó o tenha lido (MONEGAL, 1986: 225-226).

Assim, observamos que diferentes escritores podem ter inspirado Rodó, mas o intelectual uruguaio, ele próprio também se utilizando dos personagens de Shakespeare, atribuiu-lhes novos sentidos. Próspero representa em sua obra a velha Europa; Caliban representa os Estados Unidos, que rompem com o seu passado e procuram criar sua própria cultura; e, Ariel seria a América Latina, que simboliza a bondade, a leveza, a espiritualidade, aquele que se fez a imagem e semelhança do colonizador. O escritor uruguaio ao atribuir novos significados aos antigos personagens procurou valorizar, sobretudo a cultura ibérica, e, indubitavelmente, repensar a tradição cultural latino-americana. Respondeu, dessa forma, ao debate que vigorava à época, cuja discussão fundamental dizia respeito à superioridade ou

inferioridade de uma suposta “raça” anglo-saxônica frente a uma igualmente suposta “raça” latina.

Em fins do século XIX e início do seguinte proliferaram intensos debates intelectuais, muitas vezes oriundos de discussões de séculos anteriores e inspirados em grande parte nas teorias científicas do século XVIII. Determinados avanços científicos do oitocentos haviam permitido que temas envolvendo a disputa de “raças” ganhassem amplo espaço nas esferas política e intelectual, tanto na Europa quanto na América.

Entre os vários debates que perpassaram esse período, destaca-se a contenda entre os defensores da “raça latina” e os da “raça anglo-saxônica”, de influência significativa na produção de vários intelectuais da época, tanto europeus quanto americanos. Para citar alguns nomes, lembremos de Ludwig Gumplowicz, Edmond Demolins, León Bazalgette, Domingo Faustino Sarmiento e Victor Arreguine, entre outros.

Outras questões, impostas ao contexto latino-americano nessa época, contribuíram para reforçar tais posições, como por exemplo, a guerra hispano-americana que foi capaz de promover ao mesmo tempo duas atitudes paradoxais. Se por um lado encorajavam as proposições de que os Estados Unidos eram os representantes da raça anglo-saxônica na América e modelo a ser seguido, por outro, abriam espaço para o fortalecimento de uma corrente que partia em defesa da latinidade/*hispanidad*, e convertia a Espanha em herdeira direta da cultura latina.

Assim, os efeitos da Guerra hispano-americana no continente foram ambivalentes. Não apenas transformaram, com a derrota espanhola, Cuba e Porto Rico em possessões norte-americanas, mas também fortaleceram os laços entre a intelectualidade latino-americana e a espanhola. Conforme Eduardo Devés assinalou, tal circunstância levou à constituição de uma “rede de solidariedade” (DEVÉS, 2001: 33) que permitiu um fecundo diálogo entre os dois lados do Atlântico, logo depois da guerra, e que também abriria espaço para a construção da *hispanidad*, isto é, de uma comunidade espiritual imaginada entre a Espanha e a América Hispânica.

O debate travado entre os defensores da “raça latina” e os da “raça anglo-saxônica”, na virada para o século XX, teve uma influência significativa na produção de vários intelectuais da época. Naquele momento de crise pela qual passavam alguns países da Europa, em meio à



luta pela emancipação do Caribe e ao receio da política expansionista norte-americana, intensificaram-se as conjecturas acerca da superioridade ou inferioridade dos povos latinos frente aos anglo-saxões.

Já há muito se vinha refletindo acerca da diferenciação entre a “raça latina” e a “raça anglo-saxônica”. Michel Chevalier,<sup>8</sup> em 1836, publicou seu livro de crônicas, no qual constava uma introdução que se configurou, conforme sublinhou Arturo Ardao, um “verdadeiro ensaio de filosofia da história” (ARDAO, 1996: 259-260). Com essa obra as velhas noções étnico-culturais removidas pelo historicismo romântico, receberam uma integração orgânica dentro de conceitos que desde então circulariam com abundância nos planos filosóficos, científicos, ideológicos e políticos.

Na introdução, Chevalier destacou que os dois elementos, o latino e o germano foram reproduzidos no continente americano, de modo que a América do Sul se assemelharia à Europa Meridional, de origem latina e voltada para o catolicismo. Já a América do Norte pertenceria a uma população anglo-saxônica e protestante (ARDAO, 1996: 160-161). O economista francês, ao distinguir as duas Américas, referia-se ao que chamou de competição entre duas “raças” antagônicas que tiveram suas origens na civilização ocidental (QUIJADA, 1998: 599).

Depois, em meados do século XIX, o pensamento racial apropriou-se de um novo desenvolvimento técnico que traria novas consequências ideológicas: a medição do índice cefálico, para examinar as diferenças entre as populações europeias – vistas até então como um conjunto unitário. Isso veio aliado ao movimento romântico – que destacava a superioridade das instituições anglo-saxônicas em relação às de outras partes da Europa – e, de acordo com Mónica Quijada, acabou contribuindo para que tanto a história europeia como as suas tensões políticas fossem aos poucos sendo identificadas como decorrentes das lutas entre diferentes “raças” europeias (QUIJADA, 1998: 597). Essa situação se refletia de forma geral no pensamento europeu ocidental (MARROYO, 2000, p.133) e encontrou terreno fértil nos países que passavam por crises decorrentes de políticas desastrosas.

---

<sup>8</sup> Michel Chevalier (1806-1879) foi conselheiro e ministro de finanças de Napoleão III (1852-1870). A França em reação ao início da hegemonia estadunidense no território americano, temendo a formação de um império, além de seus interesses econômicos (a execução de um canal transatlântico) sai em defesa da latinidade. A França reclama para si a responsabilidade pelo destino do grupo latino. (FUNES, 1996: 82) e (QUIJADA, 1998: 599).

Em 1883, a partir da publicação da obra *La Lucha de Razas*, do austríaco Ludwig Gumplowicz (1838-1909), a “raça” passou a ser tomada como categoria explicativa primordial de todos os processos humanos. Dessa forma, o destino da humanidade foi percebido como sendo conduzido por um constante combate entre as raças, e o seu resultado era sempre imutável: o elemento étnico mais poderoso preponderava e a partir disso impunha o seu domínio sobre as demais (QUIJADA, 1998: 599).

Uma década depois, Gustave Le Bon (1841-1931) publicou a obra *Leis psicológicas da evolução dos povos* (1894), que exerceu uma grande influência no pensamento europeu e latino-americano. Neste livro o escritor francês defendia que os caracteres psicológicos seriam determinantes nas raças e, portanto, a história de um povo e sua civilização derivaria desses critérios (LE BON, 1910: 8).

Diversas obras publicadas no período, dialogando com essas ideias, procuraram assinalar a superioridade anglo-saxônica frente aos latinos. Em *À quoi tient la supériorité des Anglo-Saxons?* (1897), por exemplo, o francês Edmond Demolins (1852-1907) afirmou a inferioridade e decadência da “raça latina” e mestiça, em contraposição ao desenvolvimento material dos anglo-saxões. Para Demolins, os anglo-saxões eram superiores aos latinos porque eram mais individualistas e se dedicavam menos aos cargos do Estado.

Seguindo uma abordagem próxima a de Demolins, o francês León Bazalgette (1873-1928) publicou em 1903 *Le problème de l'avenir latin*, no qual fazia reflexões por um viés organicista e procurava demonstrar a necessidade de se regenerar a essência latina. Esta teria sido, segundo ele, corrompida pela mistura de “raças” e impedida de alcançar a modernização. Para o autor, a situação na qual os povos latinos se encontravam só poderia ser resolvida a partir de um drástico processo de deslatinização (BIAGINI, 2001: 15).

Na América, também encontramos algumas obras importantes produzidas nessa direção que utilizaram categorias raciais para explicar os fracassos de seus países frente aos países europeus e aos Estados Unidos, e fazer previsões sobre o futuro. Desde a segunda metade do século XIX, o desenvolvimento dos Estados Unidos, tornara-os uma crescente potência. Intelectuais latino-americanos, como Alberdi e Sarmiento, se entusiasmaram com tais desenvolvimentos, e estimularam a adoção do modelo estadunidense em seu país para que os argentinos pudessem ingressar na modernidade.



Compete lembrar que na época o cenário interno dos países latino-americanos não era muito animador. Disputas caudilhistas promoviam um estado de guerras civis em vários países da América do Sul – principalmente na região rio-platense – criando instabilidade política, além de problemas econômicos e sociais e dificultando a educação. Tal situação muitas vezes foi associada por uma parte da intelectualidade do continente à influência moral e cultural recebida durante séculos das nações ibéricas, vistas como atrasadas e decadentes.

Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) foi um dos mais exaltados na defesa do modelo estadunidense em fins do século XIX. Quando presidente da Argentina (1868-1874) procurou implementar o modelo norte-americano, incentivando o desenvolvimento da educação primária laica, aceitando a “conquista do deserto” e o extermínio da população indígena.

Para Sarmiento os países da América do Sul seriam oriundos de uma “raça” que se encontraria “na última linha entre os povos civilizados” (VIANNA, 1991: 153). As ex-metrópoles ibéricas e os seus descendentes apareceriam no cenário do mundo moderno privados de todos os benefícios dos novos tempos. De acordo com o autor, eles não possuíam os mesmos meios de ação, por desconhecerem as ciências naturais ou físicas, que nos países europeus foram capazes de criar uma poderosa indústria que fornecia ocupação aos indivíduos da sociedade.

O escritor argentino ainda ressaltou a absorção dos indígenas, ou seja, a miscigenação como tendo sido a pior herança recebida pela Espanha e por Portugal. Tal herança, de acordo com Sarmiento, teria feito prevalecer na América Ibérica aquelas “raças” incapazes de serem civilizadas. Já na América do Norte, conforme sustentou na obra *Conflicto y Armonía de las Razas* (1883), a colonização inglesa não admitira a incorporação indígena. Desse modo, quando aquelas colônias se tornaram independentes, as “raças europeias puras” que preservaram suas tradições de civilização cristã, teriam permanecido intocadas (PRADO, 2004: 176).

As discussões envolvendo as “raças” na virada para o XX ainda permaneceram no cenário político e intelectual latino-americano e europeu. Novas questões contribuíram para isso, como a derrota da Espanha na guerra de independência cubana para os Estados Unidos, que potencializou as proposições acerca da superioridade dos anglo-saxões. Com efeito, se

intensificaram entre os intelectuais latino-americanos, que atribuíam o atraso de seus países à herança cultural ibérica, as propostas de adoção do modelo norte-americano de desenvolvimento político, econômico, social e cultural (SOUZA, 2006: 79). Dessa forma, deve-se salientar que se por um lado o resultado da guerra hispano-americana fortaleceu a aproximação entre os intelectuais e logo, uma percepção dos Estados Unidos como ameaça, por outro estimulou o interesse pela potência do norte.

Assim, conforme afirma Mónica Quijada (1998: 596), a guerra hispano-americana acentuou ainda mais a polaridade entre latinos e anglo-saxões, o que revelou uma grande capacidade convocatória. Um exemplo concreto disso pode ser observado na “defesa da latinidade”, que ocorreu por meio de atos públicos e mesmo levantamentos populares na América do Sul. O centro das discussões não girava em torno do direito de independência cubana, mas sim a oposição Espanha/Estados Unidos, latinos/anglo-saxões.<sup>9</sup>

No âmbito desses debates, as teorias sobre a inferioridade e a decadência da raça latina não ficaram sem respostas. Diversos intelectuais, adeptos do latinismo, se empenharam em demonstrar o contrário do que era afirmado a respeito da raça latina, destacando suas virtudes. O uruguaio Victor Arreguine, por exemplo, publicou, em 1900, a obra *En qué consiste la superioridad de los latinos sobre los anglosajones*, na qual fazia um juízo depreciativo dos ingleses e exaltava a raça latina.

Nessa perspectiva, Arreguine descrevia os ingleses como “brutais” colonizadores, que se escondiam por detrás de uma máscara humanitária. Em sua opinião, eles também não seriam afeitos aos direitos universais, como os franceses, mas movidos pelo interesse imediato e o individualismo. Tais características foram remetidas aos Estados Unidos, vistos como uma extensão dos ingleses na América. Já a raça latina, para Arreguine, seria solidária e altruísta. Uma raça capaz de criar nações, fazer grandes descobertas e inovações tanto na arte quanto na ciência e na filosofia e ainda permitir que outros povos fossem assimilados (BIAGINI, 2000: 17-18).

---

<sup>9</sup> No dia 2 de maio de 1898, ocorreu um ato no Teatro Victoria de Buenos Aires, que tinha em vista tanto repudiar a intervenção estadunidense na guerra, quanto levantar fundos de ajuda à Espanha. Esse ato iniciou com o hino nacional argentino, foi seguido pela Marselhesa, as Marchas Reais da Itália e da Espanha, o prelúdio de “La Dolores” e a Marcha de Cádiz. Roque Sáenz Peña e o escritor franco-argentino Paul Groussac se pronunciaram e escreveram versos que foram lidos pelo Cônsul italiano, intitulado “Per la Spagna, canzone di guerra” proclamando a Espanha como herdeira da grandeza de Roma (QUIJADA, 1998: 596)

Dentro do ramo latino abriu-se espaço para a exaltação da “raça ibérica”, associada à nobreza, honradez e generosidade. No intuito de valorizar a tradição ibérica, surgiram obras como o *Ariel* de Rodó, enfatizando a importância desta na formação da identidade da América Latina e fortalecendo a rede de contatos entre os intelectuais hispano-americanos e espanhóis. Conforme afirmou Mónica Quijada (1998: 602), se na Europa, a guerra hispano-americana fortaleceu a imagem de superioridade anglo-saxônica, na América do Sul, esse conflito inverteu o signo da polêmica, colocando o latino/ibérico no ponto positivo.

Assim, a polaridade criada entre as “raças” permitiu acirrados debates no cenário político e intelectual, tanto na América quanto na Europa Ocidental. Influenciou intelectuais em ambos os continentes que produziram obras defendendo ou rechaçando a raça latina ou a anglo-saxônica, o que contribuiu para a criação e fortalecimento de estereótipos relativos aos povos originados de uma ou outra “raça”.

Neste contexto, Rodó denunciou o perigo que a modernização acelerada, especialmente a exemplificada pelos Estados Unidos, representava às relações de poder no continente e buscou definir a identidade americana (ou latino-americana) que lhe era a mais apropriada. Para Rodó, o perigo – embora mais afastado geograficamente – se apresentava mediante a influência moral dos seus valores: o utilitarismo, a democracia de massa e o materialismo, que poderiam conduzir a sociedade de passado aristocrático ibérico à mediocridade anglo-saxã.<sup>10</sup>

Rodó vivia em um país que recebia um intenso fluxo migratório, envolvendo povos de diferentes nações europeias, de forma semelhante ao que ocorrera nos Estados Unidos em maior escala (com o intermitente fluxo de variados povos do Velho Mundo). Assim, temia que o Uruguai se transformasse em um país como “o colosso do norte”, sem apego às tradições, e que pudesse vir a romper com o próprio passado. Talvez mais do que isso, Rodó receava a maneira como alguns intelectuais/políticos argentinos, declaradamente favoráveis à “deslatinização” da América Latina, aspiravam assemelhar-se aos Estados Unidos.

Desde a segunda metade do século XIX, os Estados Unidos já eram vistos com bastante simpatia por alguns intelectuais e políticos latino-americanos, inclusive Sarmiento, como na já citada obra *Conflicto y Armonia de las Razas en América*, que ao final conclamava

---

<sup>10</sup> Cabe lembrar que Rodó era admirador de escritores como Ernest Rénan e Paul Groussac, considerados conservadores.

seus conterrâneos abertamente para imitá-los: “*seamos Estados Unidos*”. Tal maneira de observar os Estados Unidos despertava em Rodó também o medo de que a admiração passasse à imitação (RODÓ, 1991: 69-70), fazendo com que todo o ideal desinteressado que o uruguaio associava à tradição ibérica se perdesse no afimco de buscar unicamente a realização material.

Essa admiração que muitos intelectuais alimentavam em relação aos Estados Unidos se potencializou ainda mais após a derrota da Espanha no processo de independência cubana e porto-riquenha. *Nordomania* foi o termo que Rodó utilizou para denominar essa admiração excessiva acompanhada do desejo de imitação, que poderia conduzir à descaracterização da América de tradição hispânica.

Portanto, o receio de Rodó no que tange aos Estados Unidos não se referia às questões ligadas apenas à própria soberania de seu país – ou mesmo à da América Latina – todavia, guardava relação também com questões que envolviam a identidade cultural do continente, isto é, a “sobrevivência” do que lhes era característico.

Rodó, enfim, teve um êxito imediato à época em que publicou sua obra. Suas considerações referentes ao anti-utilitarismo, ao idealismo, às propostas de ação para a juventude, e à oposição ao determinismo que então vigorava, surtiram efeito. Posteriormente, suas ideias continuariam a ser reutilizadas, de forma que as encontramos nos dias de hoje junto a inúmeras novas interpretações dos seus antigos enunciados.

## Bibliografia

ARDAO, Arturo. “Panamericanismo y Latinoamericanismo”. In: *América Latina en sus ideas*. ZEA, Leopoldo (org.), México, Siglo XXI/UNESCO, 1986.

BIAGINI, Hugo. “Finales de siglo: contexto ideológico”. In: ZEA, Leopoldo e SANTANA, Adalberto (compiladores). *El 98 y su impacto en Latinoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

DEVÉS, Eduardo. “El pensamiento latino-americano entre la última orilla del siglo XIX y la primera del siglo XXI”. In: Leopoldo ZEA e Adalberto SANTANA (compiladores). *El 98 y su impacto en Latinoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001

FUNES, Patrícia. “Del Mundus Novus al Novomundismo: algunas reflexiones sobre el nombre de América Latina”. IN: *América Latina Contemporânea: Desafios e Perspectivas*. NOVINSKY, Anita; BLAJ, Ilana; MEIHY, José Carlos Sebe Bom e IOKOI, Zilda M. Gricoli (orgs.). São Paulo: Edusp, 1996.

LE BON, Gustave. *Leis psicológicas da evolução dos povos*. Lisboa: Edição da Typografia de Francisco Luiz Gonçalves, 1910.

MARROYO, Fernando Sánchez. “1898: guerra colonial, crisis nacional y tensiones sociales”. In: ZEA, Leopoldo y MAGALLÓN, Mario (compiladores). *1898 ¿Desastre o reconciliación?* México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

MITRE, Antônio Fernando. *O Dilema do Centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MONEGAL, Emir R. “Ariel versus Calibán: Latinismo versus sajonismo”. In: ZEA, Leopoldo (compilador). Simposio. *La latinidad y su sentido en América Latina*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1986, pp.219-231.

ODDONE, Juan A. “A Formação do Uruguai Moderno, 1870-1930”. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina de 1870 a 1930* (volume V). Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: Tramas Telas e Textos*. 2ª ed – São Paulo: Edusp, 2004.

QUIJADA, Mónica. “Latinos y anglosajones. El 98 en el fin de siglo sudamericano”. In *Hispania*, 1997, vol. LVII/2, nº196, 1997.

RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

RÉNAN, Ernest. *Caliban: suite de la tempête*. Paris: Éditeur Calmann Lévy, 2ªed., 1878.

RETAMAR, Roberto Fernandez. *Calibán, apuntes sobre la cultura de nuestra América*. México: Editorial Diógenes, 1974.

RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Tradução: Denise Bottman. – Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1991. (Coleção Repertórios).

SOUZA, Marcos Alves de. “Ideologia e política em José Enrique Rodó: liberalismo e jacobinismo no Uruguai (1895-1917)”. Tese de doutorado, UNESP/Franca, 2006.

VIANNA, Luiz Werneck. “Americanistas e iberistas: a polêmica com Tavares Bastos”. IN: *Dados: Revista de Ciências Sociais*. V. 34, nº2. Rio de Janeiro, 1991.